

O rosto invisível dos mortos e o chorar como resposta ética. A visita do Papa Francisco em Lampedusa sob a ótica da filosofia de Emmanuel Levinas.¹

The invisible face of the dead and the act of crying as an ethical response. The visit of Pope Francis in Lampedusa under the philosophical view of Emmanuel Levinas.

Geraldo José Natalino²

Introdução

Aos 08 de julho do ano de 2013 Papa Francisco, recém-eleito, faz sua primeira e paradigmática visita apostólica a Ilha italiana de Lampedusa (6.000 habitantes) a fim de *chorar os mortos* que ninguém chora... O papa joga flores amarelas e brancas (cores do Vaticano) no mar pelos imigrantes mortos e condena a globalização da indiferença. Nos últimos 20 anos, 25 mil migrantes morreram na viagem até a ilha italiana do mediterrâneo, entre Sicília e a Costa da Tunísia e da Líbia – uma das principais portas de entrada para a União Européia - um dos principais destinos dos refugiados. Nosso trabalho objetiva, pois, refletir sobre a emblemática visita do papa à luz da filosofia alteritária de Emanuel Levinas (1906-1995). Escreve, significativa e sugestivamente, Levinas (2010, pp. 212-213):

¹ Este texto foi apresentado na sessão de comunicações do III Simpósio Internacional sobre Religião e Migração - *Religião e Migração: fronteiras, conflitos e o drama dos refugiados*, realizado na PUC-SP, entre os dias 5 a 7 de junho de 2017.

² Geraldo José Natalino é psicólogo clínico com especialização em teoria junguiana, mestre em Teologia pela PUC-RJ, e doutorando em Ciência da Religião, na PUC/SP,

Mas neste em *face* do rosto, nesta mortalidade – convocação e súplica que concernem ao eu, que me concernem. Como se a morte invisível que o rosto de outrem enfrenta fosse questão minha, como se esta morte ‘me dissesse respeito’ (‘me regardait’). A morte do outro me põe em xeque e me questiona, como se desta morte o eu se tornasse, por sua indiferença, o cúmplice, e tivesse que responder por esta morte do outro e não deixá-lo morrer só.

Francisco, mediante gestos e palavras, alteritariamente, estabelece um face a face com *o rosto invisível dos mortos* e proclama o *Evangelho da lágrima* – a cidadania do chorar como *condictio sine qua non* para a construção de uma sociedade justa, sensível e solidária. Se a primeira Exortação apostólica do Papa Francisco traz à baila a dimensão da alegria (*Evangelii Gaudium* = A alegria do Evangelho), em sua primeira visita apostólica à Ilha de Lampedusa o Papa escreve, uma outra carta, não de papel, mas de lágrimas – *encíclica lagrimosa* – a nosso ver. Compreendemos que essa é condição daquela. Nessa perspectiva, o *chorar* antecede e atravessa a alegria e lhe confere um sentido ético e humanizador. Desse modo, o contrário da alegria não seria o chorar, mas a indiferença. Fala o Papa em Lampedusa (2013):

Emigrantes mortos no mar; barcos que em vez de ser uma rota de esperança, foram uma rota de morte. Assim recitava o título dos jornais. Desde há algumas semanas, quando tive conhecimento desta notícia (que infelizmente se vai repetindo tantas vezes), o caso volta-me continuamente ao pensamento como um espinho no coração que faz doer.

Em Lampedusa, de forma emblemática, o Papa manifesta a possível, mas difícil relação entre o poder e o *pathos*; ou melhor, Francisco reverbera a necessária explicitação do poder do *pathos*, que é questão ética por excelência, se pensado sob o prisma da filosofia levinasiana para a qual a ética (e não a ontologia) é filosofia primeira. Nesse horizonte, o *chorar* assume caráter ético; logo, relacional e implicativo. Sublinha Boff (2013:7):

Nenhum papa na história da Igreja escolheu para si o nome de Francisco. Houve muitos com nome de: Leão, Gregório, Bento e Pio, entre outros. Escolher o nome de Francisco pensando em São Francisco de Assis seria, para os papas anteriores uma contradição. Pois os papas viviam em palácios, carregavam muitos títulos honoríficos, concentravam em suas mãos todo poder secular; possuíam territórios (estados pontifícios), exércitos, muitos tesouros e bancos. Uniam em sua pessoa o *Imperium* e o *Sacerdotium*.

Na compreensão do teólogo Boff a simples escolha do nome Francisco já é anunciadora de um recado, um programa de vida e um projeto de Igreja assentado na pobreza e na responsabilidade para com o outro e não no poder e na indiferença.

Assumir, nesse sentido, o nome de Francisco de Assis traz consigo a exigência de engendrar um novo *ethos*. *Seguramente, podemos dizer: quando o cardeal Bergoglio escolheu este nome quis sinalizar um projeto de Igreja na linha do espírito de São Francisco* (BOFF, 2013:23). Nossa reflexão traz duas questões fundamentais. A primeira refere-se ao significado filosófico da visita do Papa a Ilha de Lampedusa para o candente drama dos refugiados; a segunda, reside na tentativa de refletir em que medida podemos fazer uma leitura da visita do papa sob as lentes da filosofia alteritária de Emmanuel Levinas. Salienta Bingemmer (2013, 85):

Levinas claramente opta pela responsabilidade pelo outro como a base para uma sociedade humana. E essa se constrói a partir da base transcendental, que para ele consiste na epifania do rosto do outro (...). Através de sua aparição como Alteridade nua, impotente e necessitada – como os personagens bíblicos que personificam o pobre, o estrangeiro, a viúva, o órfão – o rosto convida e mesmo desafia o ego na medida em que este se esforça para alcançar mais felicidade e poder, agarrando o outro em sua fraqueza.

A filosofia de Levinas, desta feita, confere um lugar primazial a ética; logo, a relação, ao diálogo, a responsabilidade para com o outro.

A reflexão de Levinas atinge seu ponto máximo de radicalidade e seriedade neste ponto. O encontro com o rosto do outro acusa o ego, que se descobre egocêntrico e potencialmente assassino. A vergonha que isto provoca é ética. O encontro olhos nos olhos com o outro faz o ego adquirir uma consciência culpada e o outro aparecer como ‘juiz’, colocando o ego radicalmente e permanentemente – não temporariamente – em questão (BINGEMER, 2013, 86).

Nossa hipótese fundamental é a de que o apelo ao *chorar* tal como sublinha o papa Francisco, para além de um sentimentalismo espontâneo e desprovido de engajamento, manifesta um posicionamento ético capaz de engendrar responsabilidade para com os vitimizados. Contudo, o papa assinala que o contrário ocorre, mormente. O desinteresse pelo outro se tornou apanágio da cultura contemporânea assentada na busca desenfreada pelo bem-estar individual. Questiona o papa em sua homilia (2013):

«Onde está o teu irmão?» Quem é o responsável por este sangue? Na literatura espanhola, há uma comédia de Félix Lopez de Vega, que conta como os habitantes da cidade de *Fuente Ovejuna* matam o Governador, porque é um tirano, mas fazem-no de modo que não se saiba quem realizou a execução. E, quando o juiz do rei pergunta «quem matou o Governador», todos respondem: «*Fuente Ovejuna*, senhor». Todos e ninguém! Também hoje assoma intensamente esta pergunta: Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos nós respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isso; *serão outros, eu não certamente. Mas Deus pergunta a cada um de nós: «Onde está o sangue do teu irmão que clama até mim?»* Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna.

Diz ainda na mesma direção:

«Onde está o teu irmão? A voz do seu sangue clama até Mim», diz o Senhor Deus. Esta não é uma pergunta posta a outrem; é uma pergunta posta a mim, a ti, a cada um de nós. Estes nossos irmãos e irmãs procuravam sair de situações difíceis, para encontrarem um pouco de serenidade e de paz; procuravam um lugar melhor para si e suas famílias, mas encontraram a morte.

Nesse horizonte analítico, o *chorar* é concebido como manifestação da ética alteritária levinasiana. Nas palavras de Passos (2014, pp. 201-203) a alteridade é *ponto de partida e horizonte Conciliar*. Nesse sentido, a Igreja do Concílio Vaticano II se apresenta como Igreja disposta a assumir o desafio de encontro e diálogo com o outro, o diferente – o mundo, com suas alegrias, dores e angústias. Nessa direção segue o papa Francisco.

A concepção do indivíduo autônomo, acabado e senhor de seu destino é confrontada com a invocação do rosto interpelante e irreduzível do outro. Nesse horizonte Levinas traz a baila o desafio de se romper com os terríveis encapsulamentos egóicos produtores de terríveis males na história humana: guerra, miséria, escravidão, racismo, corrupção, destruição da natureza... São terríveis e desastrosos males que pensados em chave levinasiana sinalizam crasso déficit na ordem alteritária.

Defendemos, pois, em nossa discussão que tanto o pensamento levinasiano para o qual *A epifania do rosto é ética*, quanto a atitude desconcertante do primeiro papa provindo da América Latina em sua simbólica primeira visita apostólica, logo após assumir o pontificado, vão na direção do humanizar a partir do marco ético, porquanto reverberam o liame não só possível quanto necessário entre religião, afetação e ética, resposta comprometida em face da interpeção do *rosto do outro*, nos termos de Levinas. Dizendo de outro modo, nosso objetivo é refletir o apelo *do chorar* (ante o drama dos imigrantes / refugiados), a partir da exemplaridade papal, como condição de possibilidade do conviver.

Desse modo, sustentamos que a primeira visita apostólica do Papa Francisco à ilha do mediterrâneo, bem como seus gestos e palavras, para além de uma ocorrência de ordem religiosa *stricto sensu*, sinaliza e indica no que tange ao drama dos imigrantes/refugiados, uma via filosoficamente engajada de construção de uma nova humanidade ancorada na ética do fraternizar; logo, na alteridade. Eis a base, na acepção de Levinas, para a construção de uma sociedade verdadeiramente humana.

1. A filosofia alteritária levinasiana.

Nossa reflexão, como já sublinhamos, objetiva compreender à primeira visita apostólica do papa Francisco como paradigmática de seu programa papal, do

seu modelo de Igreja e ação pastoral. Sob o prisma filosófico, o Papa Francisco se coloca na linha do pensamento do filósofo lituano Levinas para o qual o rosto do outro é *condictio sine qua non* do filosofar tendo a ética como filosofia primeira. Em *Humanismo do outro homem* (2012:43-44) Levinas escreve de forma crítica: *O itinerário da filosofia permanece sendo de Ulisses cuja aventura pelo mundo nada mais foi que um retorno a sua ilha natal – uma complacência no Mesmo, um desconhecimento do outro.*

Essa perspectiva redutiva do pensar filosófico desde a Grécia tornou-se incapaz de engendrar uma ordem relacional satisfatória no mundo. Dialogando, a partir de sua matriz judaica, com ao referencial grego, Levinas se servirá da figura de Abraão como contraponto à figura de Ulisses (que tipifica o retorno ao Mesmo).

Do seu ponto de vista, o modelo de viagem já não é o do regresso à Itaca. O referente é Abrão que abandona a sua terra – sai do seu ser, como ‘território ou morada’ (Heidegger) – para não mais voltar. Pois a terra prometida é a moralidade que preside o ‘facto de razão’ derivado do ter-que-responder à pro-vocação suscitada pela chamada de outrem. (PÉREZ, 2008, p. 22).

Para Levinas a pergunta pelo outro (*rosto*) goza de primazia ante a interrogação pelo ser. E a opção fundamental pelo outro será condição para a construção de uma sociedade efetiva e responsabilmente humana.

A filosofia levinasiana pode ser pensada a partir da imbricação de três termos que se reclamam: Rosto, Resposta e Responsabilidade. Nesse horizonte a alteridade é pensada como discurso a partir do outro com o outro e a favor do outro. Escreve Levinas (2010:130): *O encontro com Outrem é imediatamente minha responsabilidade com ele.* O face-a-face com o rosto reclama uma resposta que, por sua vez, engendra uma responsabilidade. Assinala Bingemer (2011, p. 144):

Levinas claramente opta pela responsabilidade pelo o outro como a base para uma sociedade humana. E esta se constrói a partir de base transcendental que para ele consiste na epifania do rosto do outro. É apenas aí que se instaura a relação eu-outro que terá como fruto uma lei racional e uma estrutura política como garantia de liberdade que *pressupõe* que cada indivíduo entra livremente em relação com os outros de maneira que a lei e a estrutura se tornem possíveis. Mas essa relação, esse diálogo com o outro, é essencialmente marcada pela característica absoluta da relação ética que é a relação *por excelência* para Levinas.

É mister sublinhar a pertinência e relevância do pensamento filosófico de Levinas radicado não na ontologia do pensar grego, mas no plano alteritário. Dizendo de outro modo, a filosofia levinasiana traz significativo diferencial na história do pensamento filosófico desde a Grécia antiga porque assumi o dado

relacional como *conditio sine qua non* do filosofar. Verifica-se, pois, que a guinada dada por Levinas da ontologia para ética vai moldar e sustentar em chave alteritária a originalidade de sua produção filosófica.

Levinas nasceu em Kovno, Lituânia, no ano de 1906 e faleceu no ano de 1995 em Paris. Pode-se, pois, afirmar que a obra *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (2010), fundamental para construção de nosso trabalho, pode ser apresentada como texto base para a compreensão do núcleo temático do pensamento filosófico de Levinas – a alteridade. Essa perspectiva alteritária do filosofar traz no seu bojo implicações e exigências para o ser humano pensado em chave relacional, o ser humano compreendido como ser que se constitui irremediavelmente a partir da interpelação do rosto do outro, condição de possibilidade do seu ser no mundo. Sublinha Levinas (2010, p. 131): *Tu-não-matarás que também se pode explicitar muito mais: é o fato de eu não poder deixar outrem morrer só, há como um apelo a mim...* Nessa perspectiva vulnerabilidade e alteridade se reclamam num nó relacional que não se pode desatar sob pena de condenar o outro à própria morte ou decididamente retirar-lhe a vida.

A filosofia de Levinas constitui uma provocação no horizonte da quebra do solipsismo do ser compreendido no cômputo de uma ontologia de caráter egoísta que desde Parmênides atravessa e, em grande medida, sustenta o edifício filosófico ocidental.

O pensamento levinasiano, destarte, situa-se no contraponto do pensamento ontológico radicado no indivíduo atomizado e dispensado de compromissos para com o seu próximo. Tal pensamento que engendrou um solipsismo da razão e do eu mostrou-se precário e insuficiente para explicar e dar conta das grandes demandas dos seres humanos pensados em suas mais diversas sagas e dilemas históricos, como podemos verificar no drama dos refugiados. Nesse horizonte de análise a ética emerge como força mobilizadora do agir humano que supera a ontologia; então, nesse registro, a ética assume lugar primazial.

2. O Papa e o chorar.

Em Lampedusa o Papa Francisco como que proclama o *Evangelho das Lágrimas* e, por isso, sublinha o valor do choro como experiência humana e humanizadora. Assim como as lágrimas partem dos olhos, o ser humano que chora experimenta um movimento de saída, de deslocamento ou descentramento. Sallanta Francisco (2013):

A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habituo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!

O chorar com os que padecem indica competência ética de real grandeza. Só o que é capaz de sair de si, de romper o círculo confinado do ego é capaz de aventurar-se em direção ao outro num desafiador e comprometedor face a face. Escreve Costa (2000, p. 44): *A saída de si está na responsabilidade pelo outro, em ocupar-se com o outro; estar em pensar no 'outro', em sua vida e em sua morte, antes de preocupar-se consigo mesmo.* Destacamos como fundamentais para a nossa reflexão as seguintes palavras do Papa Francisco na missa no estádio da Ilha de Lampedusa (2013):

«Adão, onde estás?» e «onde está o teu irmão?» são as duas perguntas que Deus coloca no início da história da humanidade e dirige também a todos os homens do nosso tempo, incluindo nós próprios. Mas eu queria que nos pusessemos uma terceira pergunta: «Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este?» Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que vinham no barco? Pelas mães jovens que traziam os seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para sustentar as próprias famílias? Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de «padecer com»: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!

O pensamento levinasiano em diálogo com o escrito vétero-testamentário vai tomar a atitude de indiferença de Caim diante do sangue derramado do irmão como emblemática da quebra da vinculação ética forjadora de responsabilidade. Em *Entre nós: ensaio sobre a alteridade*, Levinas (2010, p. 137) enfatiza:

É no rosto do outro que vem o mandamento que interrompe a marcha do mundo. Por que me sentiria eu responsável em presença do Rosto? Essa é a resposta de Caim, quando se lhe diz: Onde está o seu irmão? Ele responde: Sou eu o guarda de meu irmão? Levinas considera a resposta de Caim como efetivamente sincera, porém desprovida de ética. Caim, nesse sentido, se compreende ontologicamente diferente e separado do irmão. Nada os conecta. A resposta de Caim é sincera. Em sua resposta só falta a ética; nela só há ontologia: eu sou eu e ele é ele. Somos seres ontologicamente separados (LEVINAS, 2010, p. 138).

E é nessa direção que o Papa lança o seu apelo em forma de questionamento. Perguntar pelo outro implica interrogar-se acerca de nossa responsabilidade, isto é, implica indagar em que medida estamos atentos aos apelos e desafios que dimanam do rosto do outro em face do qual não basta o imperativo *não matar* desvinculado do engajamento no sentido de fazer viver.

É nesse escopo que emerge o chorar como manifestação de uma afetação, advinda da presença interpelante do rosto do outro. Chorar, nessa acepção significa estar atendo, aberto, disponível e interconectado numa trama irremediavelmente alteritária; chorar tipifica envolvimento e compaixão – *pathos*. Enfatiza Boff (2000, pp. 102-104):

Qual é a experiência-base da vida humana? É o sentimento, o afeto e o cuidado. Não é o *logos*, mas o *pathos*. *Sentio, ergo sum* (sinto, logo existo): eis a proposição-raiz. *Pathos* é a capacidade de sentir, de se afetado e de afetar. Esse é o *Lebenswelt*, o arranjo existencial concreto e proto-primário do ser humano.

E escreve ainda Boff: *O conhecimento pelo pathos se dá num processo de sim-pathia, quer dizer, de identificação com o real, sofrendo e se alegrando com ele e participando de seu destino*. É nessa via que o chorar assume um caráter de atitude e engajamento ante os vitimizados históricos. Por isso, o chorar é, pois, levinasianamente, resposta á visitação do rosto do outro.

Em *O humanismo do outro homem*, Levinas (2012, p. 51-52) assinala que a *epifania do rosto é visitação*. E escreve ainda na mesma orientação:

A presença do rosto significa assim uma ordem irrecusável – um mandamento – que detém a disponibilidade da consciência. A consciência é questionada pelo rosto. O questionamento não significa uma tomada de consciência deste questionamento. O ‘absolutamente outro’ não se reflete na consciência. Resiste-lhe a tal ponto que mesmo sua resistência não se converte em conteúdo de consciência. A visitação consiste em desordenar o próprio egoísmo do Eu (Moí) que sustenta esta conversão. O rosto desconcerta a intencionalidade que o visa.

Desse modo, o papa Francisco a partir de um gesto oferece um itinerário ético ancorado na alteridade. A partir dessa perspectiva, pode-se efetivamente pensar em fraternidade e/ou sonoridade.

Como pudemos expor no desenvolvimento de nosso trabalho a alteridade constitui o *cantus firmus* ou a melodia dominante da filosofia levinasiana e, nessa perspectiva analítica, a epifania do Rosto é tomada como instância inauguradora da ética nascida como resposta engajada em face de uma presença que interpela o sujeito a sair de si e caminhar na direção do outro. Esse movimento de ausculta e vinculação afirma o diferente na sua irremediável singularidade abrindo e sustentando a ordem da pluralidade.

Levinas, desse modo, se contrapondo ao totalitarismo ontológico que advoga a permanência do mesmo (a exemplo de Caim), constrói uma filosofia original que se opõe a quaisquer formas de supressão da diferença. Sua filosofia produz um hino à responsabilidade e ao cuidado de tudo e de todos a partir de um campo intersubjetivo assimétrico, posto que o outro se apresenta na sua vulnerabilidade radical em face da qual não se pode desviar o olhar. Para Levinas (2012, p. 105) o ser humano *é tecido de responsabilidades*.

É, pois, uma filosofia que assegura a defesa dos *Outros* e, nesse sentido, convoca cada humana criatura e cada sistema instituído a dar sua resposta no mundo.

Quando o papa denuncia a perda da capacidade de *chorar* está, sob as lentes levinasianas, denunciando uma terrível e desumana ausência ética e, por

consequente, uma fratura no plano alteritário capaz de comprometer e ameaçar a marcha humana civilizacional. Considerar, pois, nessa perspectiva o choro, implica chamar para o campo da reflexão e da vida o coração, a cordialidade, o afeto, a emoção, o *phatos*, a responsabilidade e a ética. É como se o papa dissesse: *Fora do choro não há salvação!* Desta feita, não estaria Francisco, em sua primeira visita, reclamando o feminino preterido pelo poder absolutista do *eu*, do *mesmo* e do *macho*? Quem nos ensinará o valor civilizacional do chorar?

A título de considerações finais, são pertinentes e relevantes as palavras do teólogo Libânio em *Ética do cotidiano* (2015, p. 200): *O nosso futuro depende enormemente da formação ética do povo. Cada povo vive e colhe os frutos que plantou no jardim dos valores absolutos. Sem eles, perdemos-nos nas futilidades e banalidades do cotidiano. Sem ética não se vive feliz consigo nem com os outros.* Por esta razão, é digna de consideração a seguinte pergunta: De quantas lágrimas se faz a humanidade?

Referências bibliográficas:

BINGEMER, M. C. A alteridade como caminho de superação da violência: um estudo comparativo entre o pensamento de Simone Weil e Emmanuel Levinas. In: BINGEMER, M. C. E PUENTE, F. R. *Simone Weil e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2011.

BINGEMER, M. C. *O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma. Uma nova primavera da Igreja?* Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013.

CARRARA, O. V. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. Aparecida: São Paulo, Idéias & Letras, 2010.

COSTA, M. L. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCISCO. Homilia da Santa Missa Pelas Vítimas Dos Naufrágios. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html> Acesso em 16 de agosto de 2018.

LEVINAS, E. *Entre nós*. Ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições70, 1980.

_____. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LIBÂNIO, J. B. *A ética do cotidiano*. Obra póstuma do teólogo João Batista Libânio. São Paulo: Paulinas, 2015.

PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II*. Reflexões sobre um carisma em curso. São Paulo: Paulus, 2014.

PÉREZ, J. L. *Emmanuel Levinas*. Humanidade e razão. Lisboa: Esfera do Caos Editores LDA, 2008.